

# AMAZÔNIA

## A TRAGÉDIA DOS YANOMAMI

A corrida do ouro massacra a maior nação primitiva das Américas

A malária e a desnutrição abatem o pequeno índio. A cena, um trágico símbolo do drama dos yanomami, foi registrada no posto da Funai em Surucucu. Contaminados pelos garimpeiros brancos que invadiram suas terras, os índios sucumbem às doenças e à fome. Alertado para a tragédia que se abate sobre este povo, o governo federal desencadeia a Operação Yanomami. E após três semanas de conflitos e tensão em Boa Vista, Roraima, o Presidente Sarney sela uma proposta de paz. Assina um decreto criando a reserva garimpeira de Santa Rosa, numa tentativa de retirar cerca de 45 mil homens das 19 áreas indígenas e de floresta nacional. Pelo acordo, garante a sobrevivência da maior nação primitiva das Américas, ameaçada pela caça desenfreada ao ouro. Estabelecidas as medidas legais, resta apenas a esperança de que, desta vez, elas sejam cumpridas. Para os yanomami, é uma corrida contra a morte.

---

AINDA ISOLADAS,  
ESTAS ÍNDIAS  
VIVEM SEUS  
ÚLTIMOS  
MOMENTOS DE  
FELICIDADE

---

*O garimpo ainda não chegou à aldeia de Sami e Roberta: a cultura e os costumes de seu povo resistem intactos. Nos dias de sol, após comerem biju com peixe, brincam nas cachoeiras que enfeitam a região de Surucucu. Os homens preferem caçar. Para estes índios, livres das doenças dos brancos, o dia-a-dia é marcado por uma profunda alegria e descontração.*





*A malária e a desnutrição têm tirado a vida de muitas crianças yanomami. Famílias inteiras foram dizimadas. Os que têm sorte são transferidos para o Hospital Casa do Índio, em Boa Vista, onde os troncos e o teto de palha reproduzem o ambiente das chaponas. Mas — infelizes longe da floresta — fogem assim que melhoram.*

**O CONTATO COM O HOMEM BRANCO É UM JOGO DE ALTO RISCO. OS ÍNDIOS TROCAM A FLORESTA PELOS HOSPITAIS**

“O povo saiu numa viagem. Rio acima, para a mata, o povo de Lepili foi. Bem longe, Lepili e Xála e outras crianças, o irmão mais novo de Lepili e seu tio e a sua mulher. Todos. Os cachorros também. E todos os seus bens. Para a roça levaram plantas para plantar. Eles trabalharam na roça nova. Quando ficaram com fome, mataram alguns



cujubins. Na mata, perto, os cujubins comiam. Estavam comendo a fruta de uma árvore. Araras e mutuns e jacus também comiam.”  
— Esta parte da mata é boa — Xála disse.  
— É sim — respondeu Lepili.  
Hoje, ao encontrar seus parentes, o índio yanomami Lepili tem uma história bem diferente para contar. Fala dos aviões, dos ho-



mens brancos, do garimpo, da malária, da tuberculose. E chora a morte dos seus irmãos. Sabe dizer que foram muitos. Com uma matemática limitada à expressão de um, dois e bastante, mostra as duas mãos abertas para dar uma idéia da quantidade. No rosto, a pintura, com cinza, indica o luto.  
A tragédia de Lepili é a tragédia de toda a nação yanomami, que

habita as terras de Roraima, no extremo norte do país, há cerca de mil anos, pelo menos. Numa região onde, das 21 etnias indígenas identificadas em 1900 restaram apenas cinco, tendo as demais sucumbido a doenças, tiros e assimilação, os yanomami sobreviveram, em parte, porque viviam isolados na floresta, na remota fronteira do Brasil com a Venezuela.

## OS GARIMPEIROS ABANDONAM AS TERRAS DOS ÍNDIOS. DEIXAM POUCOS PERTENCES E MUITA DESTRUÇÃO

**V**isitados por missionários na década de 40, antropólogos e lingüistas vieram logo em seguida. Já em 1968, surgia a primeira proposta para a criação de uma reserva indígena. Em meados dos anos 70, a construção de uma estrada na fronteira abriu as portas para doenças que dizimaram várias comunidades. Em 1979, era fundada a Comissão para a Criação do Parque Yanomami —

CCPY — que, ao defender os interesses desse povo, encontrou resistência firme por parte de setores militares e de grande parte da população branca de Roraima. Esta, aliás, não tem a menor simpatia pelos índios. Dona Conceição, que é dona de um modesto hotel em Boa Vista, comenta para quem quiser ouvir: "Se eu fosse autoridade, matava todos eles. Deixava um só vivo, exposto à visitação pública, num jardim zoológico."

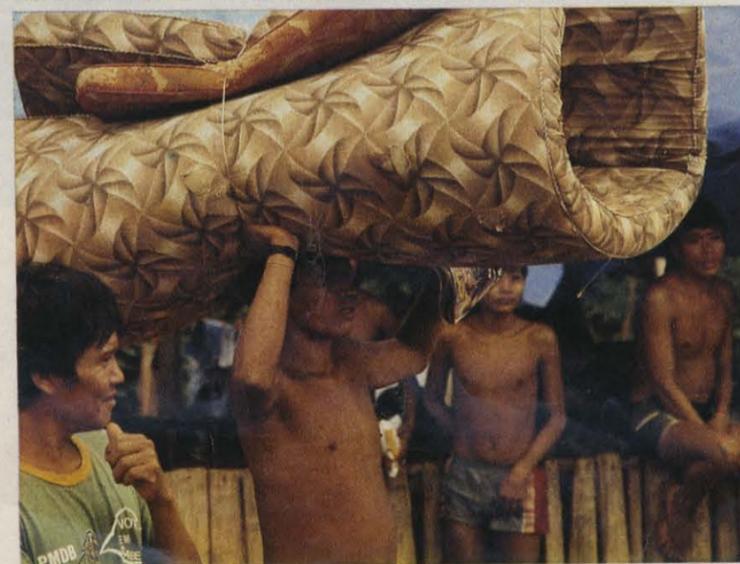
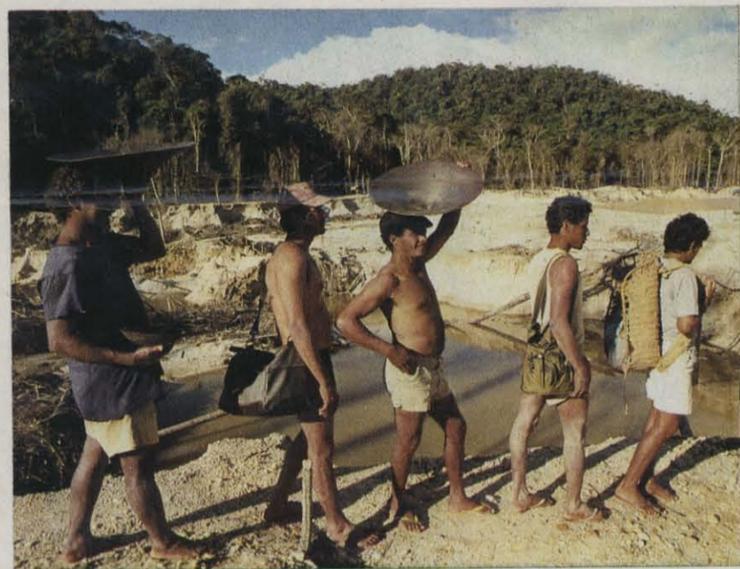
O fato é que, desprotegidos e sem área demarcada, eles ficaram à mercê do branco, que há cerca de dez anos descobriu uma Roraima rica em ouro, urânio e cassiterita. Segundo cálculo da CPRM, apenas pelo que se conhece, esta área está avaliada em 8 bilhões de dólares. Só o garimpo já tirou um bilhão de dólares nestes últimos quatro anos. E de estanho cubado, a cifra atinge um bilhão de dólares conhecidos. Atraídos pelo sonho da fortuna, os primeiros garimpeiros começaram a chegar. Em 1987, a Funai fechou a área Yanomami para os missionários, antropólogos e grupos privados de médicos que prestavam assistência a seus habitantes. Os garimpeiros tomaram a expulsão dos defensores dos índios como um sinal verde e invadiram as terras de forma descontrolada, pulando, em apenas dois anos, de quatro a cinco mil homens para pouco mais de 40 mil. O estado tem, hoje, aproximadamente 126 pistas de pouso servindo a essa gente, que leva consigo doenças de branco e facilita a proliferação dos casos de malária.

— Nós corremos o risco de ver os yanomami desaparecerem — alerta D. Aldo Mongiano, bispo de Boa Vista.

No eco de sua denúncia, Davi Kopenawa, que recebeu o prêmio Global 500 das Nações Unidas, denuncia:

— Meus parentes estão morrendo. A Funai não cuida, o governo não cuida, os garimpeiros trazem a morte.

**Na pista de pouso do Baiano Formiga, os garimpeiros blefados preparam-se para ir embora. O ouro rendeu milhões, mas a cotação de vida dos yanomami entrou em baixa. No Paapiú, os índios ficam com o que restou do acampamento dos garimpeiros.**



*Há cerca de três anos o ronco dos aviões corta o silêncio da floresta e afugenta a caça. Na região do Médio Mucajai, apesar da rotina, cada pouso e decolagem é observado de perto pelos yanomami que habitam a área.*

os yanomami desaparecerem — alerta D. Aldo Mongiano, bispo de Boa Vista.

No eco de sua denúncia, Davi Kopenawa, que recebeu o prêmio Global 500 das Nações Unidas, denuncia:

— Meus parentes estão morrendo. A Funai não cuida, o governo não cuida, os garimpeiros trazem a morte.

De fato, a nação yanomami está sucumbindo à malária, tuberculose, desnutrição e doenças sexualmente transmissíveis. No Paapiú, onde a chapona (maloca) fica localizada na beira da pista de pouso, 80% dos índios estão contaminados. No Mucajai, eles já deixaram de trabalhar na roça e o barulho dos aviões afugenta a caça. Os contrastes dos habitantes destas áreas com os das que ficam afastadas da exploração mineral são evidentes. José Altino Macha-

do, presidente de honra da Usagal — União dos Sindicatos dos Garimpeiros da Amazônia Legal — se defende: "Quem transmite a malária não é o garimpeiro, é o mosquito."

**M**as as evidências de que o índice da doença em áreas garimpeiras é muito maior estão aí para quem quiser ver. Tanto assim que, alertada para o problema, em outubro do ano passado, a 7ª Vara Federal de Brasília concedeu liminar, solicitada pelo Ministério Público Federal, para a retirada total dos garimpeiros das terras yanomami e da Floresta Nacional de Roraima. Logo em seguida, o Presidente José Sarney assinou decreto destinando uma verba de 35 milhões de cruzados novos para a execução da operação.

No início de janeiro, o clima em Boa Vista andava tenso. A imprensa

nacional e estrangeira compareceu certa de que presenciaria um grande conflito. Estava tudo pronto para a Operação Canaimé, mais tarde batizada de Operação Selva Viva. Recursos alocados, cerca de 300 policiais federais fortemente armados, funcionários da Funai vestidos de caçadores, espingarda em punho, garimpeiros preocupados e os chamados "empresários do garimpo" tentando todo tipo de articulações para reverter o quadro. Até o Exército, que vinha preferindo manter-se à margem dos acontecimentos, resolveu mandar um observador. De fora, apenas o governo de Roraima. Faltava a ação. Temia-se o primeiro tiro, capaz de desencadear uma verdadeira guerra. Neste instante, o diretor-geral da polícia federal, Romeu Tuma, desembarcou em Boa Vista, recebido no aeroporto por centenas de garimpeiros, que o aplau-

diram como a um herói pacificador. No mesmo dia, no gabinete do governador nomeado do estado, Romero Jucá, que já foi presidente da Funai e hoje defende os interesses do garimpo de olho na eleição para o Senado, sentaram-se o representante do DNPM (Departamento Nacional de Pesquisa Mineral), do Ibama, da Funai, de entidades representativas dos garimpeiros, além do próprio Jucá, de José Altino Machado e outras lideranças locais. Tentava-se costurar um acordo que evitasse o confronto. Ao final das negociações, ficou decidido que os garimpeiros deveriam deixar a reserva yanomami, podendo transferir-se para três áreas da floresta nacional, no prazo de três meses. A resolução, no entanto, não agradou a gregos e troianos. O sertanista Sidney Possuelo, da Funai, retirou-se ao final da primeira rodada das negociações:

## O CERCO AOS YANOMAMI REPERCUTE NO MUNDO. E, PARA OS ÍNDIOS, FORA DAS RESERVAS NÃO HÁ SALVAÇÃO

“**N**ão posso concordar com isto que está aí. Estão legalizando um genocídio que já vem sendo praticado há anos ilegalmente.” — afirma Sidney Possuelo.” E acrescenta: “Com a ocupação da floresta nacional pelo garimpo, os índios perdem a proteção da mata. Vão morrer.” Foi seguido, em seu protesto, pelo representante do Ibama e pelo administrador regio-

nal da Funai em Boa Vista, José Maria Nascimento, que no mesmo dia demitiu-se do cargo.

Em Brasília, o procurador da República Eugênio José Guilherme Aragão pediu a prisão em flagrante do diretor geral da PF, por desobediência a uma ação cautelar. Interpelado judicialmente, Tuma respondeu: “Se eu apontasse metralhados, poderia causar traumatismos e violência.”

Enquanto Romero comemorava a aprovação do seu projeto, denominado Meridiano 62, que restringe a atuação dos garimpeiros às áreas do Catrimani/Couto Magalhães, com 352.075 hectares; do Uraricoera, com 195 mil hectares; e do Uricar/Santa Rosa, com 177.880 hectares, José Altino Machado disparava: “Foi aprovada a proposta dos garimpeiros, que já havia sido encaminhada, há tempos, às autoridades competentes.” Na verdade, José Altino desconfia de que Jucá esteja preparando o terreno para substituir os homens que estão trabalhando naquela região pelas grandes empresas minera-

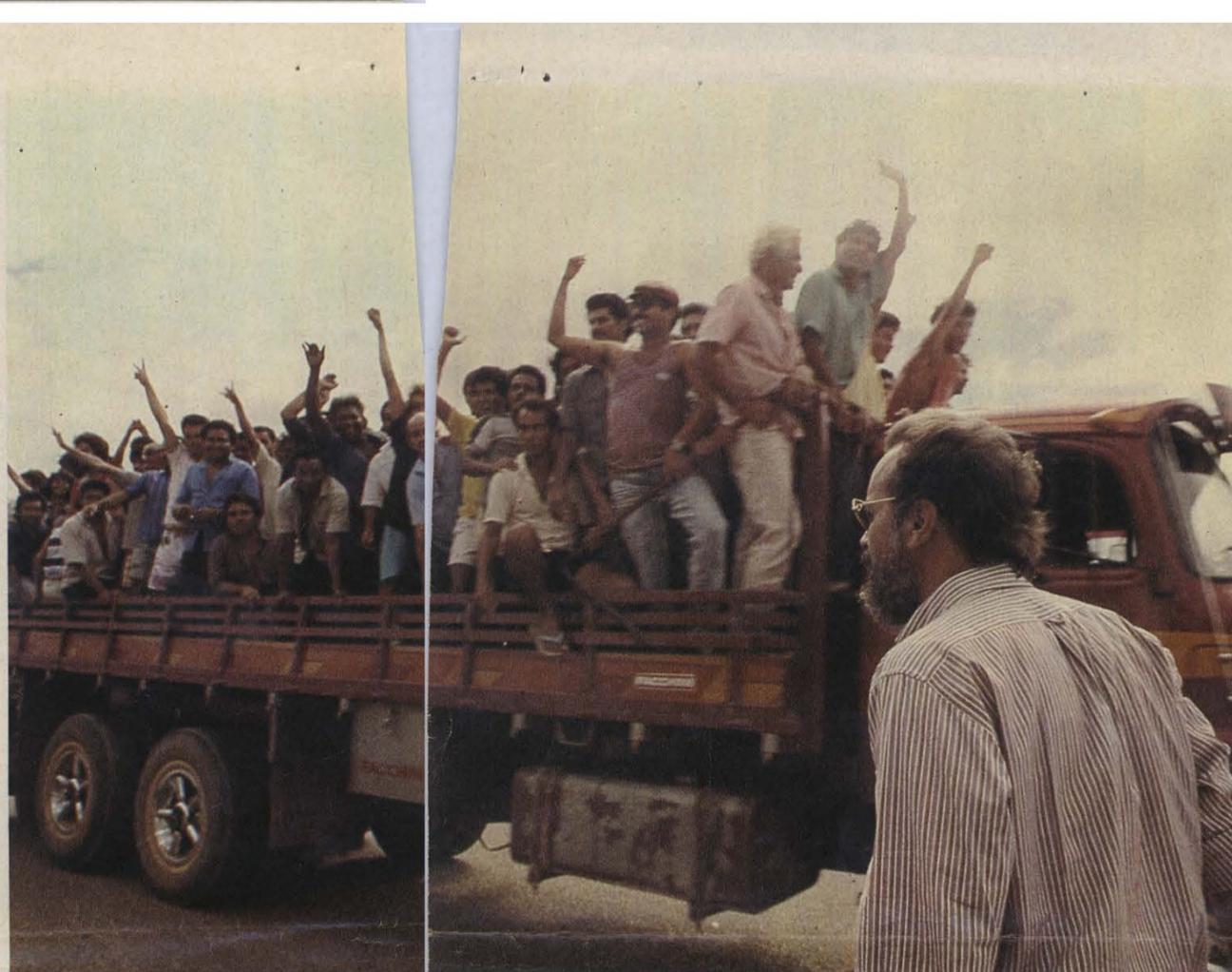
doras. Pensando nisso, inclusive, já tratou de se organizar como empresa e quer garantias de que o Congresso Nacional, ao votar a regulamentação da exploração mineral, dê prioridade àqueles que já estão na área:

“Veja só, apenas nas pistas do Baiano Formiga e do Macarrão, que ficam bem próximas, tem mais gente trabalhando do que uma grande mineradora tem de empregados no Brasil inteiro. São seis mil homens. En-

**Nem todos encontram na bamburra o caminho da fortuna. Morando com a família numa balsa sobre o rio Uraricoera, o garimpeiro mostra os 20 gramas de ouro acumulados durante quatro meses de trabalho.**

tão, se você botar uma empresa ‘aí, ela vai dar emprego para umas duzentas ou trezentas pessoas de fora. Nos dispensam a todos. Dispensam até o comércio local, porque trazem tudo do Sul. Vão pagar um imposto que é uma porcaria e vão pegar o grosso do capital e levar embora para dar aos acionistas de São Paulo. E nós vamos ficar fazendo o que aqui na Amazônia? O que nós precisamos é ter leis que acompanhem a evolução do garimpo, porque todos, um dia, vão acabar em pequenas e médias empresas mineradoras. A própria condição da natureza e da mata é seletiva. E isso não quer dizer que é preciso cultura. Tanto assim que as dez maiores fortunas do Brasil dentro do garimpo são de analfabetos, de gente que não sabe assinar um cheque.”

Uma coisa, no entanto, é certa: a decisão de transferir o garimpo para as florestas de Roraima é antiga e estava devidamente preparada. Os dirigentes da Usagal e o Governador Romero Jucá sabiam disso, assim como estavam confiantes no fracasso da operação de retirada do pessoal das áreas indígenas. E é ainda José Altino quem comenta:



“**E**sta operação é inexecutável. A única coisa que eles vão acabar é com a parte organizada do garimpo: a aviação. Mas você falar em fechar isso aí é a mesma coisa que você falar em deixar um banco de portas abertas no meio do mato. Você acha que eles deixam de voltar? Então, essa parte aventureira vai continuar do mesmo jeito, em condições muito piores.”

É foi nesse clima de descrédito e apreensão que a Polícia Federal começou a operar. Primeiro, passou a exercer um rígido controle sobre os vôos. Em seguida, interditou a pista do Jôquei Clube de Roraima, onde os cavalos voam com asas e motores. Até aí, ação não vinha desequilibrando o negócio do ouro, até

porque, além desta, há cerca de outras 50 pistas clandestinas ao redor da capital. A questão do deslocamento dos garimpeiros para a área do Santa Rosa, como determina o decreto assinado pelo Presidente Sarney, parece complicada. Os próprios garimpeiros garantem que não vão: “Lá só tem malária. O ouro já acabou”, afirmam. Eles preferiam mesmo a região do Catrimani. Para lá já se dirigiram centenas de pessoas, garante Chico Bezerra, sertanista com mais de 12 anos de convivência com os yanomami; há ainda grupos indígenas não contatados. Além disso, não é fácil garantir a saída dos garimpeiros. No Baiano Formiga, por exemplo, muitos estão escondidos na mata, esperando baixar a poeira

para retornar. Outros, os bamburrados (que encontraram uma boa quantidade de ouro) saíram e pretendem voltar mais tarde. Os ditos “empresários do garimpo” — donos de barrancos e de máquinas — fizeram isso. Só ficaram os “blefados”, que continuam tão miseráveis quanto na época em que lá chegaram. Estes exerceram um verdadeiro trabalho escravo e acumularam somente as dívidas contraídas com o patrão e nas cantinas. Agora, não sabem o que fazer. Não têm dinheiro sequer para voltar aos seus estados de origem. Elcio José Fonseca é um deles:

“**I**magine que eu fiz uma dívida enorme no Maranhão para construir uma casa para a minha família. Vim para cá na esperança de encontrar ouro e poder voltar para saldar as contas. Agora, tenho de ir embora e não sei nem como bancar a minha passagem.”

O ministro-chefe do Gabinete Civil, Luís Roberto Ponte, anunciou que o governo federal vai liberar recursos para a operação e o ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Otávio Moreira Lima garantiu que a Força Aérea Brasileira porá mais aviões à disposição da Polícia Federal para uma retirada rápida dos garimpeiros. Ficou acertado, também, que as mais de 100 pistas de pouso clandestinas construídas dentro das áreas indígenas e da Floresta Nacional de Roraima serão destruídas com explosivos, evitando uma possível nova invasão. Tudo isso mostra que tem razão a antropóloga Cláudia Andujar, para quem é preciso apenas vontade política para salvar a vida de um povo.

“O mundo de fora, para os yanomami, não representava nada. Eles viviam seus hábitos milenares, tinham equilíbrio e a felicidade era mantida pelo seu próprio isolamento. Hoje, esse povo alegre, espontâneo e livre, para quem o maior defeito é a usura, de repente se vê invadido por uma avalanche mortífera que avançou para cima dele. Os yanomami, como todos os povos do mundo, acham que são os eleitos, os únicos. Ainda hoje carregam esse sentimento, que é certamente a sua maior tragédia. Na crença de que as doenças são espirituais, perdoam os garimpeiros. Aceitam passivamente as migalhas que estes lhes oferecem e estão dando em troca a sua própria vida. Se conseguissem se dar conta do mal que estão lhes fazendo, com certeza teriam um comportamento mais agressivo. Os garimpeiros sabem disso e se aproveitam.”

DEBORAH BERMAN  
FOTOS DE RICARDO FUNARI

No centro de Boa Vista, José Altino Machado, presidente de honra da Usagal, lidera as manifestações dos garimpeiros. Ao lado do Governador Romero Jucá, Romeu Tuma assiste à entrega simbólica da pista de Paapiú.

